3

Debates Institucionais: nuances teóricas a partir de Buber, Goffman e Foucault

3.1

Encaminhando o Debate com Buber⁶

A partir da compreensão de alguns aspectos importantes sobre o uso abusivo de álcool e/ou outras drogas, politicidade e a instituição Fazenda da Esperança, soma-se ao caminho reflexivo escolhido para esta pesquisa o reconhecimento nos pensamentos de Buber (2008), Goffman (2008) e Foucault (2006), de contribuições valiosas para melhor caracterizar a experiência da Fazenda da Esperança. O estudo é enriquecido com o diálogo desse conjunto de conteúdos com a literatura específica (De Leon, 2009; Salmo et al., 2005; Labate et al., 2008, entre outros) do campo da drogadição e da busca de reabilitação de seus usuários.

A referida proposta de discussão busca tão somente provocar reflexões acerca da dinâmica estabelecida no decorrer do período de doze meses de residência, em absoluto visando contestar o processo ou sua dinâmica de existir, mas sim, reflexionar sobre sua constituição e manejo, implicando assim na melhor compreensão das relações estabelecidas, contribuindo na melhoria das ações desenvolvidas, da aproximação com a sociedade, do viés científico às práticas e sem nenhuma pretensão quanto ao esgotamento da temática.

Nessa perspectiva, no que tange à Fazenda da Esperança, pretende-se melhor observá-la em sua dinâmica geral e em suas relações de poder de si mesmo e do outro, além da participação solidária, manifestas entre os indivíduos inseridos nesse contexto institucional.

Sua estrutura institucional se orienta na idéia de leis próprias, se organiza a partir de diretrizes, exercitando uma maneira específica de lidar com a realidade social; assumindo o fazer surgir na sua experiência concreta a dinâmica de

---

⁶ Martin Buber era filósofo, escritor e pedagogo, nasceu em Viena, em 1878. Suas publicações deram ênfase à defesa de sua idéia de que não há existência sem diálogo e que os objetos não podem existir sem a interação. Indica que as palavras-princípio, EU-TU e EU-ISSO são as duas dimensões do diálogo que abarcam a existência. Suas principais obras são: *Eu e Tu* (1923), *Sobre Comunidade* (2008), *O Socialismo Utópico* (1971), dentre outros.

reabilitação apoiada no tripé do trabalho, da vida de comunidade e da espiritualidade.

Quando nos reportamos ao pensamento sobre a condição humana como sendo o este humano essencialmente um ser de relação, percebe-se a impossibilidade de compreendê-lo isoladamente, de forma a observá-lo num contexto multifacetado quando presente nas relações de família, amigos, trabalho, dentre outros espaços, também o de comunidades, que compõem a existência humana.

Diante disso, é importante iniciar a discussão acerca do que chamamos de comunidade (com-idade), citando Buber (2008), quando de suas tão relevantes considerações à compreensão do termo, como se apresenta no recorte abaixo:

A comunidade é união de homens em nome de Deus numa instância viva de sua realização. Tal união pode efetivar-se somente quando homens se aproximam uns dos outros e se encontram de modo imediato, na imediaticidade de seu dar e de seu receber. Esta imediaticidade existe entre os homens quando são retirados os véus de uma conceitualidade ditada pela procura de proveito, véus que não permitem ao indivíduo manifestar-se como pessoa, mas como membro de uma classe; a imediaticidade existe quando eles se encontram como únicos e responsáveis por tudo. Só então pode haver abertura, participação, ajuda. Quanto mais pura a imediaticidade, tanto mais autenticamente pode a comunidade realizar-se. A comunidade pode, a partir da relação entre duas ou algumas pessoas, tornar-se o fundamento da vida em comum de muitas pessoas. Mesmo assim, lhe são colocados limites espaciais cuja ultrapassagem representa o início da diluição do conteúdo da imediaticidade: a forma legítima da comunidade como construção social é a comunidade concreta. Se a união entre os homens acontece sob o signo da terra, surge a comunidade de vila que administra o solo comum; se a união acontece sobre o signo do trabalho, surge a cooperativa que se dedica à obra comum; se a união acontece sob o signo da ajuda, surge a camaradagem que aspira em comum à realização pela educação mútua; se a união acontece sob o signo de espírito, surge a fraternidade que invoca em comum o Absoluto, o proclama e o celebra. Estas quatro espécies de comunidade e seus tipos correspondentes de liderança podem fundir-se e articular-se de diversas maneiras (Buber, 2008, p. 47-48).

Nesse sentido, o texto descrito pode levar a uma relação direta com a dinâmica da Fazenda da Esperança, que se concretiza como uma comunidade terapêutica, pois objetiva o espaço e o exercício da união de um grupo específico que tem por fim a reabilitação, afastando-o do período de vivência no universo do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas.

A súmula de imediaticidade é constituinte desse processo, pois pode ocorrer assim que a pessoa aspira ao ingresso na instituição e, depois deste, representar o

encontro imediato com sua real condição de vida, pertencente a um grupo social coberto com os véus do preconceito, encontrando na realidade institucional o signo da mudança de vida, assim, indicado no fragmento a seguir:

O Estado contemporâneo, mesmo que se torne socialista, não pode satisfazer o anseio por comunidade. Ele não pode, além disso, dar às almas individuais a consciência profunda da união que elas esperam da comunidade, porque ele, Estado, não é e não pode tornar-se uma comunidade. Uma grande associação humana só pode ser denominada comunidade quando for formada por pequenas comunidades vivas, por organismos celulares fortes em coexistência sem mediação, que entram em relação direta e vital, uns com os outros, como seus membros o fazem, e que se unem em vista desta associação igualmente de modo direto e vital. Onde a verdadeira vida entre os homens se desagregou na sua unidade natural, a grande associação humana pode contrapor ao anseio por comunidade somente decepção e ilusão (Buber, 2008, p. 56).

Comunidade, nessa discussão, assume uma idéia não de um contexto geral de uma simples associação, mas ao de um grupo de pessoas em busca de uma nova consciência em perceber aquilo que realmente é comunitário, pois ela não se afirma e acontece nos enlaces imediatistas, mas se pauta a partir dos parâmetros de relação autêntica de sujeitos a sujeitos, tal como ocorre na Fazenda da Esperança, pois em sua realidade, passa pela compreensão do exercício diário em existir numa vida comungada entre homens libertos de si mesmos, que instituem elos de ligação com objetivos similares que aproximam as suas realidades individuais numa proporção coletiva, dessa forma, Buber (2008), esclarece a comunidade dita primitiva:

A comunidade primitiva era aquela que existia no início do desenvolvimento da raça humana – ao menos o desenvolvimento que nos é visível; era a vida comum de homens em uma unidade, com características tribais, ou se quisermos regredir mãos (na história), com características de horda. Essa unidade era mantida por laços indestrutíveis. Nela o indivíduo está envolto em uma legalidade religiosa realmente indestrutível. Esta legalidade era tão imediata e concreta, que quando o seu representante, o chefe – como ainda pode ser observado em tribos australianas – aponta dois dedos para alguém, significando com isso que ele o rejeita, este homem cai morto. Assim, a realidade deste imenso e fatal envolvimento do indivíduo, esta comunidade da qual a pessoa nem começou a emergir e onde o problema da pessoa ainda não se colocou,...esta comunidade primitiva é objeto de confusão por parte da juventude, sobretudo da juventude alemã. Esta espécie de comunidade não representa somente um ponto de partida, mas permanece como uma parte da comunidade existente, isto é, da comunidade na qual deseja viver; a juventude sonha com a possibilidade de transformar esta comunidade a partir de homens contemporâneos e personalizados e com a possibilidade destes homens se reunirem a fim de instaurar este tipo de comunidade atual é, no entanto, uma repetição histórica, numa forma superior, da comunidade primitiva. (Buber, p.67)

Tal afirmativa revela, antes de mais nada, a concretização dos laços de crenças religiosas que se apresentam reais, visíveis e fortalecidos no existir da comunidade, fato e realidade estas que se consolidam à toda estrutura e proposta, nas quais a Fazenda da Esperança constrói seus pilares de atuação e que Buber (2008), pode ajudar a compreender a partir do recorte a seguir:

Os homens que aspiram à comunidade, anseiam Deus. Todo desejo de verdadeira aliança conduz a Deus, e todo desejo de Deus conduz à verdadeira comunidade. Porém desejar Deus, mas Ele não pode ser encontrado, pois não está “disponível”. Os homens querem possuir Deus, mas Ele não se dá a eles, pois Ele não quer ser possuído mas realizado. Somente quando os homens quiserem que Deus seja, construirão a comunidade. A última necessidade apela para o espírito da mudança. (Buber, 2008, p. 61)

Nesse aspecto, se torna clarividente a proposta institucional em questão, que se constitui atrelada e objetivada no pilar religioso, configurando-se este, essencial no processo de reabilitação do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas, pois confere sentido ao seguimento da mudança. Todavia, é salutar negritar que os parâmetros de ordem religiosa se apresentam como uma das nuances contribuintes no processo de reabilitação, não se encerrando em si mesmas, uma vez que toda essa vivência institucional confere o atravessamento de outros saberes em sua rotina.

O ingresso na Fazenda da Esperança para fins de reabilitação do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas se dá de forma espontânea e a partir da escolha individual, concretizando-se através de carta endereçada à instituição, relatando a história de vida e interesse em reabilitar-se. A totalidade do tratamento para reabilitação se concentra no período de doze meses, pautada em um tripé, já indicado anteriormente, que se define pela vida de comunidade, trabalho e espiritualidade; desenvolve nos residentes, uma mudança de comportamento, para que em sua saída da instituição e retorno à sociedade, possam exercitar todo o aprendizado adquirido e o desenvolvimento de uma nova visão do mesmo mundo, pois a proposta concentra-se na mudança de comportamento do sujeito, que convoca à responsabilidade individual de cada um, que em comunidade, se aplica cotidianamente no encontro, como afirma Buber, (2008, p. 79) quando relata que “[...] a verdadeira responsabilidade é sempre responsabilidade diante do outro. A autêntica responsabilidade repousa sempre na realidade do Eu e Tu”.

Segundo Fracasso (S.d.), as funções, muito flexíveis, garantem a estrutura e a organização da vida comunitária. A atenção é colocada sobre o indivíduo no grupo ou na comunidade. Ele é o verdadeiro protagonista das ações terapêuticas porque sabe do que precisa, porém, sozinho, é incapaz de buscar, por isso a importância da auto-ajuda. Cada indivíduo é responsável pelo seu próprio crescimento e pede a ajuda necessária aos outros para se ajudar. Sendo assim, cada um é "terapeuta" para si mesmo e para os outros componentes do grupo, da comunidade. A hierarquia é, unicamente, funcional e não interfere nas relações entre as pessoas. “De sua perspectiva, a mudança individual resulta do impacto global da vida em comunidade” (De Leon, 2009, p. 09).

Em consonância a essa realidade e se tratando de uma perspectiva nos moldes de Comunidade Terapêutica, é notório que a promoção de mudança, embora de ordem individual, certamente se insere na dinâmica coletiva que confere enorme contribuição na transformação de estilo e modo de existir, pois se caracterizam como grupos sociais tão diariamente conviventes, que se assemelham a instituições familiares, base de fundamentação para a construção do indivíduo, uma vez que a existência humana é, em seu nível mais fundamental, inerentemente relacional, como De Leon (2009, p. 31 e 32) esclarece no recorte que se segue:

Os programas de CT também se autoconcebem como *famílias*, ou melhor, famílias substitutas **temporárias (grifo meu)** que corrigem danos históricos causados pelas famílias disfuncionais dos clientes a que servem. Assim, a CT se empenha em manter as principais características da família “boa”: estrutura para proporcionar ordem à vida cotidiana; atenção amorosa por meio da segurança física e psicológica; aceitação da pessoa e estímulo a ela, com a única condição da participação honesta na luta pela mudança; e transmissão de valores por meio de uma rotina diária de atividades voltadas para a aprendizagem social. (...) por exemplo, ex-residentes de CTs costumam referir-se a seus programas como o lugar em que “cresceram”, não como aquele em que se recuperaram da dependência química. No curso do tratamento, os membros ampliam gradualmente sua orientação para a família ao grupo social residente mais amplo, indo assim além dos companheiros imediatos, terminando por referir-se a todo o programa como sua família. Assim, os termos “família” e “comunidade” se tornam intercambiáveis nas CTs.

Nessa mesma perspectiva, quando observamos um determinado grupo, constatamos suas singularidades, assim, também é possível perceber a atuação de cada indivíduo de maneira específica, pois é notória a participação diferenciada que cada um desempenha numa mesma organização social, seja referente à faixa

etária, gênero e papéis sociais, assim como em uma sociedade, pois a dinâmica diária desenvolvida nas CTs se aproxima da própria disposição social como indica De Leon (2009, p. 32):

Para muitos de seus participantes (bem como para observadores), a CT se assemelha a uma *microsociedade*. Com a total proibição do uso de substâncias e do comportamento anti-social, a CT contém grande parte dos elementos da macrosociedade mais ampla – uma rotina diária de trabalho e educação, relações sociais e, de modo particular, uma estrutura ocupacional. A progressão individual pela hierarquia de funções de trabalho se assemelha bastante à passagem ascendente pelos degraus ocupacionais do “mundo real”. Mas há uma diferença fundamental: a CT promove a aprendizagem por tentativa e erro, proporcionando um ambiente no qual se pode fracassar em segurança. Isso contrasta com o mundo exterior, que envolve um maior risco de perdas, humilhações e punições decorrentes de fracasso na realização de tarefas. Assim, a CT é considerada uma microsociedade que prepara o indivíduo para uma vida de sucesso na macrosociedade do mundo real.

Diante do exposto, as CTs se organizam como modelos de tratamento residencial e se utilizam de intervenções de ordem pessoais e sociais, conferindo direitos e deveres à pessoa que busca esse ambiente para desenvolver em si mesmo uma mudança de comportamento, ressaltando ainda a diversidade técnica de profissionais que buscam desenvolver a esfera total da condição humana, lembrando ainda que esse método de intervenção sinaliza que o indivíduo, ainda que assistido por uma equipe multidisciplinar, é o principal responsável pelo avanço do tratamento, conferindo-lhe a responsabilidade frente às próprias escolhas.

A experiência de atuação profissional dentro da instituição mostra o divisor de águas que a mesma representa na dinâmica social, psicológica, cultural e existencial do indivíduo residente; confere outra possibilidade de existir, dadas às suas diretrizes em viver nessa esfera no período de doze meses, promovendo uma transformação de ordem global do sujeito, ressaltando que essa transformação se concentra em uma cicatriz da sociedade, uma marca constantemente discutida, ou seja, o universo social, econômico, cultural e midiático do álcool e/ou outras drogas.

A relação de um homem com seu semelhante não envolve somente uma parte de seu ser [...], a totalidade da relação é componente importante da comunidade. O homem encontra-se com os outros com todas as suas qualidades, habilidades, possibilidades e entre eles algo acontece, nada mais! Não estou falando de coisas extraordinárias; pode ser qualquer evento – mesmo algo altamente negativo – que ocorra entre os homens, um evento real, imediato, do qual participam com a totalidade de seu ser (Buber, 2008, p. 88).

As CTs imprimem em suas atividades e configurações estruturais não apenas os resultados do processo de reabilitação em si, mas também os frutos que a mesma pode produzir na saída e (re)ingresso na sociedade. Em consonância, a ampliação notória das CTs indica dois aspectos importantes, um deles sinaliza o aumento significativo do uso abusivo drogas ilícitas e o segundo, decorrente do primeiro, à procura e necessidade de tratamento, como esclarece o recorte a seguir:

De acordo com Serrat (2002, p. 2), membro do conselho deliberativo da Federação Brasileira de Comunidade Terapêuticas (FEBRACT) e responsável pela definição do papel das CTs atualmente no Brasil. “o aumento significativo de CTs é uma resposta à evolução do consumo de drogas ilícitas por parte dos jovens” e, ainda segundo o mesmo autor, quando os princípios de recuperação, resgate da cidadania, reabilitação física e psicológica e de inserção social são corretamente aplicados, os tratamentos apresentam resultados positivos importantes, sendo o objetivo agir nos fatores psicossociais do indivíduo, ficando o tratamento medicamentoso por conta de outros órgãos, como hospitais e clínicas especializadas (Sabino et al, 2005, p. 168).

Enquanto proposta de comunidade terapêutica, a Fazenda da Esperança assume papel institucional importante, quando de sua configuração e estrutura, atendendo a uma demanda social significativa e crescente, pois busca o desenvolvimento social e pessoal do sujeito, visando o resgate e o exercício de cidadania, bem como retomada dos projetos de vida, da busca de sentido à própria existência em meio a um emaranhado social que ainda constrói uma melhor compreensão acerca do universo tão complexo, em suas relações e elos visíveis e invisíveis, do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas. Em se tratando de sociedade, Sabino et al (2005) confere melhor entendimento quando dos conceitos sociais vigentes de usuários e dependentes:

Silveira (1995) alerta que “a grande maioria dos usuários de drogas não é e nunca vai ser dependente do produto; na grande maioria das vezes, a droga é procurada como fonte de prazer tanto pelo usuário como pelo dependente; o dependente de drogas é um indivíduo para quem a droga passou a desempenhar um papel central na sua organização, na medida em que, através do prazer, ocupa lacunas importantes, tornando-se assim indispensável ao funcionamento psíquico daquele indivíduo, ou seja, um dependente, ao contrário do usuário, não pode prescindir da sua droga” (Sabino et al, 2005, p. 170).

A comunidade, aqui adjetivada terapêutica, ascende à idéia de um espaço de ajuda e amparo mútuos, para o desenvolvimento de uma vida social pautada no empoderamento dos sujeitos, sem as amarras do poder estatal, mas alicerçada na liberdade de escolha individual, na autêntica expressão do ser, descobrindo e

redescobrir o sentido outorgado à própria vida, compreendendo o lugar que a droga ocupava no vazio de existir que por vezes a angústia da condição humana confere aos sujeitos sociais.

Buber (2008) assinala que a comunidade é algo que se concretiza quando abrange toda a vida do sujeito, em toda a dimensão de sua existência natural, sem excluir nada dela. Ou se apresenta dessa forma, ou renuncia-se à autenticidade da mesma e para que esta última aconteça, depende da união total de todos os aspectos da vida humana.

Comunidade existe quando os homens se encontram mutuamente, descartando as vaidades, as imposições pessoais do grupo, de forma que se constituam como tal a partir da imediaticidade do existir humano; que o brilho em reconhecer-se parte e não o todo seja inspiração de pessoa pra pessoa em permanecer no processo, defrontar-se com o outro constituído de todas as suas propriedades, limitações, valores, com toda a sua complexidade humana e, essa relação quando comunidade, basta. Sendo real, autêntica e total inicia aquilo que é comum aos que se encontram naquele espaço, Buber (2008) assim afirma:

O que quero dizer é o seguinte: a totalidade da relação é componente importante da comunidade. O homem encontra-se com os outros com todas as suas qualidades, habilidades, possibilidades e entre eles algo acontece, nada mais! Não estou falando de coisas extraordinárias; pode ser qualquer evento – mesmo algo altamente negativo – que ocorra entre os homens, um evento real, imediato, do qual participam com a totalidade de seu ser. [...] que um homem não seja um meio para outros conseguirem um fim, que um não use o outro, mas que o considere como um ser vivo que está diante de si, vale dizer, um ser para o qual eu estou aqui, do mesmo modo que ele está aqui para mim. Portanto, este me parecer ser o conceito de comunidade que se pode deduzir de nossa situação, a saber, que alguns homens da “multidão” estabelecem relações entre si.

Em suma, a comunidade terapêutica nos moldes indicados pela atuação da Fazenda da Esperança destaca-se com mérito nas possibilidades de reabilitação do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas, uma vez que busca desenvolver o real significado de comunidade, do conceito trabalhado por Buber (2008), em toda sua dinâmica institucional, tornando o sentido do processo comum, mútuo, aos que dela participam, pois regenera a existência, retorna o eu à própria vida, constrói projetos, atribuindo entusiasmo às possibilidades de mudança. O potencial individual de cada pessoa presente nas relações é o elemento essencial para a edificação real do que chamamos de comunidade.

3.2 Encaminhando o Debate com Goffman⁷ e Foucault⁸

Em se tratando de CT's e uma vez vinculada à proposta da pesquisa, é importante acrescentar à discussão até então elaborada, a descrição de instituição total, pois a própria condição do sujeito social dependente nos remete à reflexão de uma dinâmica da sociedade institucionalizada em suas diversidades de estratificações. Assim pontua Goffman (2008, p. 11):

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada.

Segundo Goffman (2008), as instituições totais se caracterizam por serem estabelecimentos fechados que funcionam em regime de internação, onde um grupo relativamente numeroso de internos vive em tempo integral. A instituição funciona como local de residência, trabalho, lazer e espaço de alguma atividade específica, que pode ser terapêutica, correccional, educativa, etc. Normalmente há uma equipe dirigente que exerce o gerenciamento administrativo da vida na instituição. Sua concepção explícita de poder é a de um poder essencialmente modelador, poder instaurado, repressivo e mutilador do eu em sua missão (res)socializadora. Revela, de certa forma, que poder é substancialmente relação e que são lugares que compõem a sua dinâmica. Goffman (2008) ainda descreve minuciosamente as reações de (contra)controle que os dois grupos antagônicos exercem um sobre o outro: há modelagem e resistências; vigilância permanente e recíproca; há lutas e conflitos nos planos macro e microfísicos. Goffman (2008) ilustra ainda:

---

⁷ Erving Goffman foi cientista social e escritor canadense. Nasceu em Mannville, Alberta, em 11 de Junho de 1922. Para Goffman, o desempenho dos papéis sociais tem relação com a maneira como cada sujeito concebe sua imagem e a pretende manter. Dedicou especial atenção ao que chamou de “instituições totais”, estudando lugares onde o indivíduo era isolado da sociedade. Suas principais obras são: Manicômios, Prisões e Conventos (1961), Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada (1988), dentre outras publicações.

⁸ Michel Foucault foi filósofo e epistemólogo francês contemporâneo. Nasceu em Poitiers em 15 de Outubro de 1926. É amplamente conhecido por suas críticas às instituições sociais, concentra-se na "vida" e nos diferentes processos de subjetivação. Suas principais obras são: História da Loucura (1961), Nascimento da Clínica (1963), Vigiar e Punir – História da Violência nas Prisões (1975), Microfísica do Poder (1979), dentre outras importantes publicações.

Em primeiro lugar, existem as “regras da casa”, um conjunto relativamente explícito e formal de prescrições e proibições que expõe as principais exigências quanto à conduta do internado. Tais regras especificam a austera rotina diária do internado. Os processos de admissão, que tiram do novato os seus apoios anteriores, podem ser vistos como a forma de a instituição prepará-lo para começar a viver de acordo com as regras da casa. (Goffman, 2008, p.51)

O processo disciplinar constituído como empoderamento de si mesmo e do outro, objetiva em seus desdobramentos, um meticuloso controle das atividades desempenhadas, um domínio da condição temporal, bem como a simetria e precisão das tarefas a serem desenvolvidas, que parecem notoriamente se fazer presentes na realidade institucional discutida.

Goffman (2008) traz uma discussão ímpar à realidade da Fazenda da Esperança, pois descreve nuances acerca da instituição total que se encaixam, em parte, a essa realidade, pois enunciam alguns traços de ações orientadas que visam auxiliar no processo de mudança quando do uso abusivo de álcool e outras drogas, contudo, a ressalva deve existir no que se refere a conceber que seu conceito de práticas institucionais não se configura como total. A proposta sugerida por Goffman (2008), traz uma importante reflexão ao universo de discussões acerca do tema, existindo nessa produção, como um parâmetro inicial a ser explorado nas temáticas acerca da comunidade terapêutica e o uso abusivo de álcool e outras drogas; é exploratório e uma matéria prima a ser tecida e melhor explorada em sua complexidade.

Em consonância a esse conjunto, Foucault (2006) relata que não se afirma uma generalização em relação a uma teoria de poder, denotando o mesmo que o poder não converge tão somente a uma natureza, com características universais, todavia, se desenvolve a partir de espaços heterogêneos; diversos e em ininterruptas mudanças, recebendo reconhecimento ao contexto que se aplica.

É salutar ponderar que o poder não se caracteriza como uma coisa em si mesma, palpável, assumindo o concreto; mas pratica-se numa relação social, numa prática social, que se constrói e institui a partir do desenho histórico das relações.

Foucault (2006) afirma que o poder disciplinar é discriminatório e divide a constância em segmentos. Nesse sentido e a partir da configuração da instituição em questão, o "exercício" é a metodologia pela qual se atribui aos corpos as atividades a serem desempenhadas enquanto repetitivas, diferentes e graduadas, objetivando desenvolver a maior quantidade de forças de cada um e assim,

combiná-las num satisfatório resultado que constitui a comunidade. A ação do poder disciplinar é essencialmente produção de subjetividade moderna, nesse aspecto, intimamente atrelada às questões vinculadas ao uso abusivo de álcool e outras drogas.

Quando voltamos a atenção para melhor compreender as relações intra-institucionais, a priori, ponderamos que aquilo que chamamos de poder e que inicialmente se considera prerrogativa de um grupo restrito, e por isso assume privilégios em referência aos mais numerosos, passamos a entender que o exercício de poder se concretiza nas relações móveis, em uma rede de flexibilidade que ora se encontra no restrito, ora se apresenta no coletivo. Em conformidade à disciplina, que se encaixa ao desempenho de regras, havendo o desvio, afastamento ou desajuste das mesmas, há que se aplicar a penalidade disciplinar, essencialmente corretiva, com bases fundadas no exercício repetido como qualidade de um aprendizado intensificado, o que em muito ocorre diante das quebras da regulamentação institucional, capacitando o outro no que tange ao respeito dos parâmetros de existir em comunidade; treino disciplinar diário para a vida em sociedade.

Toda essa prática aplicada, objetiva o retorno à dinâmica social que também se institucionaliza em seus padrões comportamentais, esta sociedade onde existem os marcos que delimitam fronteiras, que identificam os papéis sociais, onde o usuário, dependente ou adicto se insere símbolo de fronteiroço, para que a sociedade perceba ou não, sua própria condição e mazelas humanas.

Em conformidade, o instituído social que se proclama acerca do uso abusivo de álcool e/ou outras drogas perpassa, por vezes, pela conceituação de doença, aplicando-se a isto o benefício da dúvida em relação a ordem social, tratando a temática como distante, indiscutível; sobre isso Labate et al (2008) elucida:

Àqueles que consomem tais substâncias nega-se a responsabilidade de ritos públicos e legais, nega-se a inserção no *social* porque a proscricção dessas substâncias torna proscrito aquele que o consome. Sim, a substância, associada a esse contexto de isolamento e proscricção, faz a pessoa. Exilado da ordem e da vida social consciente, ao sujeito dito drogado resta entregar-se a uma subjetivação em meio instável. Isolado, ele não raro se torna refém de agências que então se tornam poderosas. Como viciado, dependente ou drogado, aquele que se recupera passa a ser um adicto – como hoje se costuma designar em clínicas de desintoxicação. Pois que é o adicto senão alguém para sempre afetado pela substância? Desprovido de rito e malfadado pelo mito, que resta às “drogas” senão a pecha lançada pela concepção e prática de uma natureza e uma sociedade estabelecidas pelo parâmetro

do estável? Que resta senão estados instáveis? Que resta ao “drogado”, isolado e despatriado das redes, entregue a uma subjetividade marginal e indigna, senão a degeneração compulsiva ou, na melhor das hipóteses, o tratamento para regenerá-lo socialmente? Instalado em uma zona cinzenta e opaca, o tabu que recobre o tema das drogas apenas adia uma reflexão total e totalizante cada vez mais urgente e inadiável. Quando realmente teremos a coragem de nos desentorpecer desse tabu, recusando seus cinzas e opacos? Que salvaguarda esse tabu garante senão a de uma ordem mal estabelecida e refratária à reflexão (p. 181-182)?

Tal discussão leva a perceber que nessa estrutura de internação, os residentes se organizam e se defendem da dinâmica diária modeladora, pois implica, já sabido quando do desejo de estar na instituição, mudança no estilo de vida e para tanto, existe uma lógica de ordenação e disciplina que, em sua maioria, difere do seu cotidiano até a entrada institucional. Dessa forma, os internos aplicam diversas táticas adaptativas, fazendo uso inclusive dos próprios recursos institucionais, na busca de amortecer os impactos da mudança. Nesse modelo, parecem ocorrer ainda disputas e relações de poder, visto que existem hierarquias estabelecidas, que demandam discussões e vivências dessa ordem, vinculadas à normativa disciplinar, uma vez que, “[...] quando a entrada é voluntária, o novato parcialmente já se afastara de seu mundo doméstico; o que é nitidamente cortado pela instituição, é algo que já tinha começado a definir” (Goffman, 2008, p.25).

Em se tratando de poder, as discussões apontam para sua dinamicidade, movimento, presente em todos os lugares, mas adquirem um desenho mais nítido quando estão institucionalizadas e que se caracterizam como um jogo constante, de combates e enfrentamentos, confessos ou ofuscados; que alteram, reforçam, invertem; e nesse cenário de Fazenda Esperança em especial, a busca da tomada de poder é de fato, a retomada da própria existência em referência ao uso abusivo de álcool e/ou outras drogas.

Foucault (2006) apresenta o poder disciplinar como produção positiva e indica que os procedimentos dessa ordem existem há muito tempo, inclusive em conventos e nas forças armadas, indicando que em qualquer sociedade, existem relações de poder que se apresentam múltiplas, que penetram, desenham e instituem o corpo social; se expressam indissociáveis e é na fala de Schueler (2005), que Michel Foucault indica que:

A escola, o asilo, a oficina, a prisão, o hospital, a família e as instituições disciplinares em geral são lugares de exercício do poder, de produção de saberes, práticas discursivas e de verdades. Lugares de produção de sujeitos e de *assujeitamento* de corpos e mentes. Lugares de produção de controles e limites à vida, mas também de margens e possibilidades múltiplas de experiência e da vida humanas (Schueler, 2005, p. 5-6).

A Fazenda da Esperança se organiza de forma espacial e laboral de maneira setorial, onde cada residente e atividade têm seu espaço para acontecer, com vistas a horários e produção. Dessa forma, Benelli (2004), ilustra que:

[...] o recenseamento que Foucault fez dos diversos procedimentos e técnicas que constituem o poder disciplinar e seus efeitos microfísicos, implementados nas instituições totais **se dispõem da seguinte forma: (grifo meu)** inicialmente, a tecnologia disciplinar promove a distribuição dos indivíduos no espaço, utilizando diversos procedimentos: o enclaustramento (baseado no modelo conventual); o quadriculamento celular e individualizante (“cada indivíduo no seu lugar; e, em cada lugar, um indivíduo”); a regra das localizações funcionais (vigilando ao mesmo tempo em que cria um espaço útil); a classificação e a serialização (individualizando os corpos ao distribuí-los e fazendo-os circular numa rede de relações). Assim, essa tecnologia, organizando celas, lugares, fileiras, cria espaços altamente complexos, incidindo em planos arquitetônico, funcional e hierárquico (Benelli, 2004, p. 03).

A tecnologia disciplinar da Fazenda da Esperança, mesmo sem ser a instituição total exemplar em sua dinamicidade, organiza o espaço de maneira individual e coletiva, costurado nas relações institucionais, garantindo a obediência de todos, com minucioso controle das atividades, bem como a administração do tempo, objetivando, nessa discussão em específico, o sujeito bem disciplinado quanto aos valores morais que diferem do universo da dependência química, disciplina diária para o retorno à sociedade após o período de doze meses. É inevitável mencionar, ainda nesta discussão, acerca do Panóptico idealizado pelo inglês Jeremy Bentham em meados do fim do século XVIII, onde descreve uma arquitetura, semelhante ao desenho físico da Fazenda da Esperança, que herdou as instalações da antiga FEBEM-Fundação do Bem-estar estadual do Menor (AM), onde se insere o olho que tudo vê, representativo do controle, e as construções adjacentes a este, cada uma ocupando um lugar, com tarefas e produções específicas, respeitando a dinâmica estabelecida pelo poder central, pela dinâmica institucional e que nesse contexto assume papel fundamental na construção de sujeitos sociais inseridos nos padrões.

Em consonância, quando da falha no regime disciplinar, podem ocorrer às desobediências às regras institucionais, sendo passíveis de punição, pois existem normativas que orientam as ações diante das dificuldades. A penalidade aplicada, no caso da hoje Fazenda da Esperança, diante da falha constitui-se reflexiva, conduzindo o residente à prática da responsabilidade diante de suas escolhas como elucida Benelli (2004):

No regime disciplinar, o objetivo da punição não é obter a expiração nem promover a repressão, afirma Foucault. Ela produz sujeitos normalizados ao relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto normativo ideal que funciona ao mesmo tempo como parâmetro de comparação, espaço diferenciador e princípio de uma regra a seguir. (Benelli, 2004, p. 6)

Dessa forma, a busca de transformar o estilo de vida quando o sujeito se insere residente na Fazenda da Esperança e passa a existir a partir dos parâmetros dessa última, se assemelha quase que em sua totalidade a própria dinâmica cultural vivenciada na sociedade, pois esta também aplica uma série de parâmetros e limiares aos atores sociais em suas relações, estando a instituição numa condição, por vezes clara de apreender esses parâmetros, de retorno à própria vida, de “retreinar” o sujeito nos parâmetros sociais. Goffman (2008) exige atenção a esse aspecto quando agrega considerações a partir da categoria temporal:

Aparentemente, as instituições totais não substituem algo já formado pela sua cultura específica; estamos diante de algo mais limitado do que aculturação ou assimilação. Se ocorre mudança cultural, talvez se refira ao afastamento de algumas oportunidades de comportamento e ao fracasso para acompanhar mudanças sociais recentes no mundo externo. Por isso, se a estada do internado é muito longa, pode ocorrer, caso ele volte para o mundo exterior, o que já foi denominado “desculturamento” – isto é, “destreinamento” – que o torna temporariamente incapaz de enfrentar alguns aspectos de sua vida diária (Goffman, 2008, p.23).

A Fazenda da Esperança embora trabalhe com a duração de doze meses de permanência de seus residentes, introduz nesse período, espaços e tempos de ligação com a sociedade, através da convivência mensal com a família e com outras pessoas nos diferentes eventos que lá acontecem, além de saídas para consultas médicas mais complexas e outras atividades consideradas relevantes.

Mas a discussão atinente ao poder disciplinar e nuances de instituição total nessa experiência de busca de sobriedade na Fazenda da Esperança, se configura, nesta dissertação, como o início de uma reflexão continuada, não se encerrando neste tempo e espaço, mas desejando contribuir nas ações que se inserem e são construídas no social, sendo um tema pertinente e do interesse de uma sociedade fragilizada e que tem naturalizado as dependências, atuando num cenário social adoecido.

A vida cotidiana numa sociedade cheia de vias de controle exige dos sujeitos um melhor movimento individual e coletivo para lidar com a enxurrada de informações recebidas a todo momento, que invadem todos os caminhos de informação acessados, desde os sentidos até os meios eletrônicos. Passar e filtrar todas essas informações é extremamente impactante, mas principalmente, atribuir significado a essa colcha de retalhos, sem precedentes, decifrando e agregando na maneira de perceber este mundo, torna-se uma empreitada complexa e pertencente a todos nós.

Em suma, a partir das categorias propostas e até aqui discutidas, o capítulo que se segue, passa a descrever os resultados encontrados a partir da fala de três sujeitos ex-residentes que vivenciaram a experiência de reabilitação de doze meses e continuam “limpos” (sóbrios) após um ano de saída da instituição, indicando a importância de um espaço onde a existência humana encontra outras possibilidade de vir-a-ser. Pensar acerca da Fazenda da Esperança como comunidade terapêutica e existente como um espaço diferenciado nos ensaios de combate ao uso abusivo de álcool e outras drogas, se escreve no mínimo, interessante e curioso.